



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

PENSAMENTOS EM FRONTEIRAS:

que lições tirar nos processos de alfabetização africanos à luz das concepções de Paulo Freire?

PENSAMIENTOS FRONTERIZOS: ¿Qué lecciones se pueden aprender de los procesos de alfabetización africanos a la luz de las concepciones de Paulo Freire?

THOUGHTS ON BORDERS: what lessons can be learned from African literacy processes in the light of Paulo Freire's conceptions?

Cirlene Cristina de Sousa
Universidade do Estado de Minas Gerais
cirlene.sousa@uemg.br

José de Sousa Miguel Lopes
Universidade do Estado de Minas Gerais
jose.lopes@uemg.br

Resumo O texto apoia-se numa pesquisa de cunho bibliográfico sobre as fronteiras do pensamento de Paulo Freire e seus encontros com a África a partir de várias de suas obras. Inicialmente, são abordadas as condições políticas e ideológicas que levaram Paulo Freire a ser preso pela ditadura de 1964 no Brasil, em virtude de suas propostas educativas revolucionárias. Sua ida para o exílio no Chile, onde publicou sua obra mais famosa “Pedagogia do Oprimido”, acabou levando Freire a se envolver nas lutas de outros povos latino-americanos e africanos. No caso específico do continente africano, suas experiências remodelaram sua pedagogia e sua prática como educador. O artigo está dividido em duas partes, a saber: na primeira, trabalha-se o sentido da alfabetização freireana no seu encontro com a África. Na segunda, traça-se um pequeno histórico dos desafios e conquistas desse encontro. Finalmente, nota-se que a educação de Paulo Freire, por seu caráter político e emancipador, influenciou as políticas educacionais de países africanos que se tornaram independentes. Na conclusão, enfatiza-se que é legítimo afirmar que as “falas” de Paulo Freire se misturam com as experiências por ele vividas na África, pois não é difícil perceber marcas africanas no seu modo de ser, estar, fazer e conviver. Entender Paulo Freire como intelectual de fronteira significa dizer que seu pensamento vem se alterando em função do tempo e do contexto histórico que se encontra inserido. A atualidade do seu pensamento não se restringe a fronteiras sociais, culturais e políticas. Daí a grandeza de seu legado.

Palavras-chave: Paulo Freire; África; Alfabetização.



Resumen El texto se sustenta en una investigación bibliográfica sobre las fronteras del pensamiento de Paulo Freire y sus encuentros con África a partir de varias de sus obras. Inicialmente, se abordan las condiciones políticas e ideológicas que llevaron a Paulo Freire a ser encarcelado por la dictadura de 1964 en Brasil, debido a sus revolucionarias propuestas educativas. Su exilio en Chile, donde publicó su obra más famosa “Pedagogia do Oprimido”, terminó por llevar a Freire a involucrarse en las luchas de otros pueblos latinoamericanos y africanos. En el caso específico del continente africano, sus experiencias han remodelado su pedagogía y su práctica como educador. El artículo se divide en dos partes, a saber: en la primera se trabaja el significado de la alfabetización de Freire en su encuentro con África. En el segundo, se esboza una breve historia de los desafíos y logros de este encuentro. Finalmente, se observa que la educación de Paulo Freire, por su carácter político y emancipatorio, influyó en las políticas educativas de los países africanos que se independizaron. En conclusión, se enfatiza que es legítimo afirmar que los “discursos” de Paulo Freire se mezclan con las vivencias que vivió en África, ya que no es difícil percibir influencias africanas en su forma de ser, ser, hacer y convivir. Entender a Paulo Freire como un intelectual de frontera significa decir que su pensamiento ha ido cambiando debido al tiempo y al contexto histórico en el que se inserta. La actualidad de su pensamiento no se limita a las fronteras sociales, culturales y políticas. De ahí la grandeza de su legado.

Palabras-clave: Paulo Freire; África; alfabetización.

Abstract The text is supported by a bibliographic research on the frontiers of Paulo Freire's thought and his encounters with Africa from several of his works. Initially, the political and ideological conditions that led Paulo Freire to be imprisoned by the 1964 dictatorship in Brazil are addressed, due to his revolutionary educational proposals. His trip to exile in Chile, where he published his most famous work “Pedagogia do Oprimido”, ended up leading Freire to get involved in the struggles of other Latin American and African peoples. In the specific case of the African continent, his experiences have reshaped his pedagogy and his practice as an educator. The article is divided into two parts, namely: in the first, the meaning of Freirean literacy is worked on in its encounter with Africa. In the second, a short history of the challenges and achievements of this meeting is outlined. Finally, it is noted that Paulo Freire's education, due to its political and emancipatory character, influenced the educational policies of African countries that became independent. In conclusion, it is emphasized that it is legitimate to say that Paulo Freire's “speeches” are mixed with the experiences he lived in Africa, as it is not difficult to perceive African influences in his way of being, being, doing and living together. To understand Paulo Freire as a frontier intellectual means to say that his thinking has been changing due to time and the historical context that is inserted. The actuality of his thinking is not restricted to social, cultural and political boundaries. Hence the greatness of his legacy.

Keywords: Paulo Freire; Africa; literacy

Introdução

Em 1964, os militares brasileiros tomaram o controle do país com o apoio dos Estados Unidos e impuseram uma brutal ditadura de direita. Paulo Freire estava entre as muitas pessoas presas pela ditadura. Por suas propostas educativas revolucionárias, por sua aproximação com oprimidos (as) e seu envolvimento com o governo Jango, ele fora considerado um subversivo pelo governo militar. Nesse sentido, é o compromisso de Freire com as lutas dos “esfarrapados” do Brasil que o torna um educador “perigoso” aos olhos de uma parte da elite brasileira.



Tal elite não mediu esforços, por um lado, para manter seus privilégios raciais, classistas, religiosos, políticos, econômicos e sociais; e, por outro, para inibir qualquer projeto de educação que levasse o povo brasileiro a conscientizar-se da histórica usurpação de seus direitos e de suas humanidades. É por isto que Paulo Freire ficou mais de 60 dias preso e mesmo depois de solto não se viu livre, pois era obrigado a comparecer nas instalações do Exército para registrar seus compromissos. A perseguição a Freire fica insustentável e, por recomendações de amigos, ele buscou exílio na embaixada da Bolívia.

Durante seus anos de exílio, ele continuou desenvolvendo seu trabalho prático em outros países da América Latina, como o Chile, onde escreveu seu livro mais importante, *Pedagogia do Oprimido*, e desenvolveu programas de alfabetização de adultos. Programas estes que lhe permitiu continuar seus encontros e aprendizagens com as lutas e as resistências do povo oprimido, agora em terras latino-americanas e africanas. Como nos lembra Gadotti (2011, p.16), o Chile e a África “radicalizaram” o pensamento de Freire.

Nestes contextos, Paulo Freire pode amadurecer suas reflexões e as experiências nascidas em seu país de origem, elaborando uma fecunda produção intelectual. No dizer de Moacir Gadotti (2011, p.16), as experiências desse educador na África remodelaram sua pedagogia. Inserido em processos de reconstrução nacional, ele realizou a simbiose entre educação e a forças produtivas, incorporando o trabalho como princípio educativo. Ainda no dizer de Gadotti, a “evolução” no pensamento de Paulo Freire “é fruto desse encontro que ele experimentou com a África e os africanos, uma experiência que foi importante para a escrita de suas obras posteriores” (idem, p.16), como explicitaremos ao longo desse artigo.

Ao refletir sobre suas experiências de exilado político, Paulo Freire as notas como momentos de indagações, de aprendizagens e de uma experiência de reeducação do olhar e da vida. Em suas palavras, o exílio é “altamente pedagógico, pois a gente se transplanta e é reeducado quando sai do contexto original em que se achava. Há uma série de preocupações e indagações que a gente leva para este novo contexto” (FREIRE, 2010, p.90). Foram mais de 15 anos de um refazer-se como educador e como pensador *de e em* fronteiras, para tanto fez-se andarilho pelo mundo. Nestas andarilhagens, ele se encontrou com autoridades políticas, intelectuais, guerrilheiros, militantes, trabalhadores, camponeses, artesãos, operários, indígenas, mulheres e jovens, com eles e elas aprendeu e ensinou a “Ser mais”.

No exílio, Freire leu extensivamente sobre a colonização e seus efeitos sobre o povo, incluindo os escritos de intelectuais revolucionários africanos como Frantz Fanon e Amílcar Cabral. Intelectuais e militantes que o ensinam sobre os “condenados da terra”, sobre “as máscaras dos colonizadores” e sobre as tentativas de “desafricanização” do povo africano. Assim, o exílio transformou Paulo Freire em um homem ainda mais justo, de escuta generosa e olhar aberto, de atenção amorosa e esperançosa. Por onde ele andarilhou, ouviu histórias de opressões e de lutas, de existências e de resistências das gentes latino-americanas e africanas, que viviam processos de reconstrução de si mesmas e de suas nações.

Paulo Freire viveu profundamente a experiência de interpretar a capacidade humana *de historicizar-se e existir-se*. Ele transformou o trauma do exílio numa vivência dialógica e dialética com o outro e consigo mesmo. Poderíamos dizer, parafraseando o guerrilheiro



Amílcar Cabral, que Freire teve a oportunidade de culturalmente “reafricanizar sua mente”. Ele mesmo nos diz que sentiu uma conexão especial com a África e escreveu que “como nordestino, estava culturalmente ligado à África, especialmente àqueles países que foram colonizados por Portugal, como o Brasil (FREIRE & MACEDO, 2015, 104). Portanto, o exílio o refez como brasileiro e, fraternalmente, latino-americano e africano.

Neste tempo, Freire escreveria muitos livros, mas foi a *Pedagogia do Oprimido* que rapidamente se tornou e continua sendo um clássico revolucionário. Esta obra teve um impacto poderoso nos movimentos populares em todo o mundo, particularmente em África, e continua sendo a melhor introdução às ideias de Freire. Uma obra dedicada aos “esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p.16).

Essas aprendizagens na América Latina e na África afetam e radicalizam o pensamento de Paulo Freire sobre a desumanização, sobre a libertação, sobre a emancipação e, fundamentalmente, sobre a educação como uma das experiências possíveis de mudança e de transformação social.

Um grande desafio vivido pela equipe de Paulo Freire na África foi o de compreender quais as exigências educacionais urgentes numa sociedade massacrada pela colonização. Uma sociedade, que mesmo liberta politicamente, enfrentaria lutas pelos direitos de ser, de poder, de viver e de estar no mundo. Entre estas, a luta por uma educação anticolonial foi fundamental, daí a questão central desse artigo: que lições tirar dos processos de alfabetização africanos à luz das concepções de Paulo Freire?

Para tanto, dividimos o presente texto em duas grandes partes, a saber: na primeira parte, trabalha-se o sentido da alfabetização freireana no seu encontro com a África. Na segunda parte, traça-se um pequeno histórico dos desafios e conquistas desse encontro.

Alfabetização: um lugar de encontro de Freire com a África

O encontro de Paulo Freire com a África se deu num contexto bastante desafiador para os africanos, a saber: as lutas pela independência e as lutas pós-colonização. Neste momento histórico, a população encontrava-se usurpada de suas materialidades, de suas produções e de suas riquezas. O povo que lutou contra o opressor, agora teria que reinventar o *poder*, o *ter* e, em alguma medida, reinventar o seu próprio *ser*. Situação que demandava de quem chegava uma grande sensibilidade, disposição e coragem.

Esta coragem, Paulo Freire demonstrou ao discutir sua colaboração e participação nos processos de alfabetização de adultos na África. Ele deixou claro que sua contribuição seria “como homem do terceiro mundo, como educador com este mundo comprometido” (FREIRE, 2011, p.12) e enfatizou que sua experiência no Brasil não poderia ser transplantada para a África, por isto era preciso que ele e sua equipe se pusessem a “ver e ouvir, indagar e discutir” sobre o que seria o ato de alfabetizar naquele continente.

Como educador libertador, ele trazia a certeza de que qualquer proposta de alfabetização de adultos não poderia se reduzir a puros aprendizados mecânicos da leitura e da escrita. Alfabetizar é sempre um ato político que demanda dos “educadores uma clareza



crescente com relação à sua opção política e a uma coerência com esta opção, em sua prática” (FREIRE, 2010, p.144). Nesse sentido, a ação de alfabetização “deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que a de vir” (FREIRE, 1987, p.10).

Destarte, a alfabetização é um processo de aprendizagem das palavras vivas, vinculadas a leituras de mundo inscritas em cada história a se enunciar. Assim sendo, era essencial conhecer e pensar sobre as experiências educativas já vivenciadas pelos africanos. Entre estas, aquelas realizadas pelos partidos libertadores nos “mais diversos campos da educação, da produção, da distribuição, da saúde” (idem, p.10) organizados durante as lutas pela independência.

Nesse mesmo sentido, as novas propostas de ensinar a ler e escrever na África deveriam estar associados “ao projeto global de sociedade a ser concretizado” (FREIRE, 2010, p.23). Ou seja, as novas práticas educativas a surgir na África, não poderiam “ser uma síntese feliz entre a herança da guerra de libertação e o “legado” colonial, mas o aprofundamento melhorado e enriquecido daquelas. Vale dizer, algo que resulte da transformação radical da educação colonial” (idem, 2010, p.23).

Portanto, alfabetizar nesse continente, ainda comprometido com uma educação colonial, foi um trabalho tenso, intenso e bastante desafiador, já que um dos objetivos centrais da educação colonial herdada era

a “desafricanização” dos nacionais, discriminadora, mediocrementemente verbalista, em nada poderia concorrer no sentido da reconstrução nacional, pois para isto não fora constituída. A escola colonial, a primária, a liceal, a técnica, esta separada da anterior, antidemocrática nos seus objetivos, no seu conteúdo, nos seus métodos, divorciada da realidade do país, era, por isso mesmo, uma escola de poucos, para poucos e contra as grandes maiorias. (FREIRE, 2010, p.24-25).

Participar dos projetos educativos, num momento em que o povo africano, finalmente, tomara as rédeas do próprio futuro, foi uma experiência complexa para todos os envolvidos. Paulo Freire diz: “Sabíamos que não iríamos trabalhar com intelectuais frios e objetivos ou com especialistas neutros, mas com militantes engajados no esforço árduo de reconstrução do país (2011, p.16). Por isto, os projetos de alfabetização construídos naquele contexto foram elaborados via conversações entre camaradas “é, pois, como camaradas, conversando sempre francamente com camaradas, que nos dispomos, como humildade, a iniciar a nossa colaboração ao Governo de Guiné-Bissau” (2011, p.145).

Nestas conversações, a única exigência que Paulo Freire fez à sua equipe, a si mesmo e aos dirigentes africanos é que os projetos de alfabetização não fossem pacotes elaborados em Genebra e levado ao povo Africano. Na perspectiva deste educador, qualquer projeto de alfabetização aceito por sua equipe teria que nascer *na* e *da* cultura africana. Neste ponto, Paulo Freire foi radical e recusou “qualquer tipo de solução “empacotada” ou pré-fabricada a qualquer tipo de invasão cultural, clara ou manhosamente escondida” (FREIRE, 2010, p.18). Os projetos não partiriam do zero, mas levaria em conta o diálogo dos africanos com “suas fontes culturais e históricas, de algo bem seu, da alma mesma do seu povo, que a violência colonialista não pode matar (Idem, p.18).



Na certeza de que o alfabetizar é um ato educativo comprometido com a palavra de gentes vivas “diálogo existencial (...) reencontro do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum”. (FREIRE, 1987, p.11), que a equipe de Paulo Freire procurou conhecer as práticas educativas já realizadas pelos partidos de libertação nas zonas libertadas, vividas durante as lutas de independência e na pós-colonização. A equipe se apropriou dos materiais escritos por educadores nacionais: guerrilheiros, lideranças dos movimentos e lideranças do povo. Neste processo de imbricação contextual e de aprendizagens, os projetos de alfabetização foram se construindo. E a equipe freireana, aos poucos, foi dimensionando suas contribuições técnicas, colaborativas, políticas para uma educação africana anticolonial.

Entre as muitas chaves de leitura para se pensar as propostas de alfabetização construídas entre a equipe de Paulo Freire e os países africanos, destacamos em primeiro lugar a *dinâmica metodológica de sua construção*, a saber: “aprender primeiro, ensinar depois e continuar aprendendo” (cf. Cartas a Guiné-Bissau). Todos os programas de alfabetização da equipe freireana carregavam a ideia de que as experiências não se “transplantam, mas se reinventam” (cf. FREIRE, 2011, p.143). Para Freire, não devemos ter a arrogância de “emprestar alguma coisa ao outro”, para não incorremos no risco de “validação universal das experiências” (FREIRE, 2011, p.143). Freire, assim, convoca-nos a pensar a educação como uma experiência de comunicação, ato de ensinar e aprender, gesto de criação e de troca. Em resumo, partilha de um *quefazer* respeitoso e esperançoso.

A esperança é uma outra chave de leitura importante para compreendermos a participação de Paulo Freire nos processos de alfabetização dos africanos. Para ele, educar tem a ver com denúncia e anúncio. Ou seja, com a capacidade humana de se recriar, se reinventar e se reconstruir. Nesse sentido, a esperança freireana tem a ver com o comprometimento com os oprimidos e oprimidas e com suas muitas histórias de humanização e desumanização. Comprometimento este que impacta diretamente o sentido libertador do processo de alfabetização em Paulo Freire. Esperançar-se, via alfabetização, é compreender que esta prática educativa não se resume ao ensino das letras, das palavras e das frases, mas abre-se como um campo de possibilidade para educadores interpretar, contribuir e fortalecer as leituras de mundo dos educandos, principalmente, daqueles(as) oprimidos (as) que fazem parte dos “esfarrapados” do mundo. Letrar-se de A-Z é politizar de si e do outro, da vida e da história. É este encontro sensível e comprometido entre Paulo Freire e a África que acompanharemos nas páginas que se segue. Paulo Freire lendo África e a África lendo Paulo Freire, um encontro desafiador, mas amoroso.

Antes de destacarmos as influências de Freire na África é preciso lembrar que a obra *Pedagogia do oprimido* foi, por um lado, o livro que levou Paulo Freire a ser convidado para viajar pelo mundo e, por outro, foi o livro que o impediu de entrar em alguns lugares, como a África do Sul. Mas desde sua publicação em 1970 nos EUA, que essa obra tem circulado pelo mundo. Suas leituras têm produzido “Críticas favoráveis uma; desfavoráveis, outras (...) Até 1970, o livro tinha sido traduzido ao espanhol, ao italiano, ao francês, ao alemão, ao holandês e ao sueco e tinha sua publicação em Londres, pela Penquin Books. Esta edição estendeu a Pedagogia à África, à Ásia e à Oceania” (2018, p.165).



As influências de Freire na África: um encontro de leituras de mundo

As andarilhagens mundanas de Paulo Freire coincidem com tensos, intensos e inquietantes contextos históricos, quais sejam: “a luta contra a discriminação sexual, racial, cultural, de classe, a luta em defesa do ambiente, os Verdes, na Europa. Os golpes de Estados com a nova face, na América Latina, e seus governos militares que se alongaram da década anterior” (FREIRE, 2018, p.167). Situações que também se fazem presente na África que vive os seus “movimentos de libertação (...), a independência das ex-colônias portuguesas, a luta na Namíbia, Amílcar Cabral, Julius Nyerere, sua liderança na África e sua repercussão fora da África” (2018, p.167).

Entre as muitas de suas memórias desses contextos, Paulo Freire destaca que uma lhe marcou de forma singular, a saber: “os encontros que tive em Genebra, ora em meu escritório no Conselho Mundial das Igrejas, ora em nosso apartamento em Grand Lancy, com intelectuais, professores, estudantes, religiosos, negros, brancos da África do Sul” (2018, p.199). Como nos lembra Sefatsa (2020), Paulo Freire foi convidado a visitar vários países, mas com o regime do apartheid, ele foi proibido de entrar na África do Sul. Tal impedimento não retirou a África do Sul dos seus debates e das suas escritas. Ao contrário, como homem de coragem e esperança, ele se colocou como educador a denunciar e enfrentar qualquer forma de opressões e de desumanizações, inclusive, as que se passavam na África do Sul. Por isto, os “ativistas anti-apartheid sul-africanos vieram vê-lo para falar sobre seu trabalho e o que ele significava no contexto sul-africano. (...) Muitas das organizações e movimentos envolvidos na luta anti-apartheid usaram o pensamento e os métodos de Freire” (cf. SEFATSA, 2020, p.15). Assim, diz Paulo Freire

rara também era a vez, naquele tempo, em que, indo aos Estados Unidos, não me encontrasse com mulher ou homem, branca ou negro, filho ou não da África do Sul, mas vivendo na África do Sul pelos mesmos motivos que explicavam meus encontros em Genebra. E por outros também. (...) raro também que, pelo telefone, ao falar comigo, a pessoa não dissesse: “Cheguei há dois dias a Genebra. Sigo hoje à noite para a África do Sul, não podendo entrar no país com a *Pedagogia do oprimido*, a não ser correndo um risco desnecessário, li-o de ontem para hoje. Varei a noite a noite na leitura. Poderia conversar com você hoje, ainda, antes de viajar?” (2018, p.199)

Sefatsa (2020) confirma estas referências do pensamento de Paulo Freire na África do Sul, ao destacar que os africanos fizeram circular cópias clandestinas do livro *Pedagogia do Oprimido*, que fora proibido pelo regime do apartheid. Por isto, era tão importante as conversas de Paulo Freire com os homens e as mulheres da África do Sul, que o vinham procurar no exílio. Ouvi-los foi para Paulo Freire momentos de grandes aprendizagens, de tensão e de empatia. Numa dessas partilhas com Paulo Freire, um jovem negro diz: “Não posso”, me afirmou uma vez um jovem negro, homem de igreja, para meu espanto e em quase estado de descrença do que ouvia, “dizer, na presença dos brancos, *meu Deus*. Devo dizer *vosso Deus*”. (2018, p.200).



Em sua obra, *Pedagogia da esperança* (2018), Paulo Freire diz que estes encontros com homens e mulheres da África do Sul coincidia “com sua primeira visita à “Zâmbia e à Tanzânia. Mais uma vez, devido à *Pedagogia do oprimido*” (p.201). Na África do Sul, ao contrário, o *Pedagogia do oprimido* circulou em cópias clandestinas devido à coragem dos revolucionários que se puseram a enfrentar o regime do apartheid.

De acordo com Sefatsa (2020), citando a acadêmica, Leslie Hadfield, que ao escrever sobre o uso da obra de Freire pelo Movimento da Consciência Negra, destacara que “a circulação do *Pedagogia do oprimido* no início dos anos 1970, na África do Sul, é fruto da ação do Movimento Cristão Universitário (UCM), que realizava projetos de alfabetização inspirados em Freire” (Idem, p.16). Além disso, o trabalho do Projeto da Comunidade Negra do Instituto Cristão (BCP) foi fortemente influenciado por Freire. “As igrejas cristãs na África do Sul se basearam na teologia da libertação, uma escola de pensamento radical pela qual Freire foi influenciado e para a qual contribuiu” (SEFATSA, 2020, p.16). Também no início da década de 1970, as ideias de Paulo Freire vão repercutir na organização dos movimentos operários. Um deles foi

o Programa de Capacitação Urbana (UTP), que utilizou a metodologia Ver-Julgar-Agir dos Jovens Trabalhadores Cristãos, que utilizou o pensamento e a metodologia de Freire. A UTP usou esse método para estimular os trabalhadores a refletir sobre suas experiências cotidianas, levá-los a pensar sobre o que eles poderiam fazer sobre sua situação e, então, agir para mudar o mundo. (SEFATSA, 2020, p.20).

Devido a essa parceria entre Freire, os revolucionários, os operários e a teologia da libertação, as ideias freireanas vão prosperar na África após o apartheid. Por exemplo, “nos primeiros anos do regime democrático, o [Workers 'College], em Durban, um projeto de educação sindical, incluía alguns professores que estavam comprometidos com os métodos freirianos” (SEFATSA, 2020, p.31).

Segundo Antônio Faundez (2012), Julius Nyerere, Presidente da Tanzânia, foi o primeiro a convidar Paulo Freire para participar no processo de educação de adultos do seu país, “convite feito via Conselho Mundial de Igrejas, que reunia – com caráter ecumênico – as igrejas protestantes, em Genebra” (FAUNDEZ, 2012, p.599). Faundez destaca que depois deste primeiro convite, entre 1975 e 1980, Paulo Freire visitou a Zâmbia e a Guiné-Bissau. Nestas visitas, ele se encontrou com lideranças do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Visitou ainda São Tomé e Príncipe e, na Angola, encontrou-se com o Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA). Na Tanzânia, Paulo Freire teve a oportunidade de se encontrar com alguns líderes do movimento guerrilheiro moçambicano Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)¹, deixando em todos estes países sua dimensão humanizadora da educação.

Contudo, apenas na, Tanzânia e Angola e, fundamentalmente, na Guiné-Bissau, foram desenvolvidos programas de alfabetização de adultos dentro de suas concepções. Nas produções de Paulo Freire há sempre memórias dos seus encontros com a África.

¹ Che Guevara, revolucionário Cubano, também visitou à sede da Frelimo no ano de 1965.



Em *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*, ele relembra quando pela primeira vez pisou no chão africano. Freire relata esta chegada como um reencontro, no qual ele se sentiu bastante motivado e ligado, “como quem voltava e não como quem chegava”. E mais

A cidade ia se desdobrando ante mim como algo que eu revia e que me reencontrava velhas coisas, começavam a falar para mim, de mim. A cor do céu, o verde-azul do mar, os coqueiros, as mangueiras, os cajueiros, o perfume de suas flores, o cheiro da terra, as bananas, entre elas a minha amada banana-maçã, o peixe ao leite de coco (...) os corpos bailando e, ao fazê-lo, “desenhando o mundo”. A presença entre as massas de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que eu pensava. (FREIRE, 2011, p.13)

No dizer de Assane e Juliasse (2017, p.213), foi na Tanzânia que o educador Paulo Freire e os líderes moçambicanos tiveram a “oportunidade de trabalhar dentro do experimento socialista, com plano centralizado, com um partido socialista revolucionário e um substantivo interesse em educação de adultos como uma real alternativa metodológica para o sistema formal de instrução”.

Na *Pedagogia da Esperança* (2018) Paulo Freire cita um momento de encontro dele com a Frente de libertação de Moçambique (FRELIMO): “[...] tal qual o que tive em Dar es Salaam, com lideranças da FRELIMO, que me levou ao campus de Formação de Quadros, um pouco afastado de Dar, num lindo local cedido pelo governo de Tanzânia, me marcou fortemente” (FREIRE, 2018, p.204). Para tais lideranças, o pensamento libertário de Paulo Freire era notado como elemento importante para o enfrentamento à educação colonizadora, que ainda se fazia presente na África pós colonial.

Esta influência freireana em tal continente pode ser notada, conforme Assane e Juliasse (2017), no engajamento e nas palavras de ordem do líder guerrilheiro moçambicano Samora Machel². Segundo estes autores havia muitas similitudes da perspectiva educativa de Somora com as propostas educativas de Paulo Freire, os dois tinham um compromisso com a libertação e a educação das classes populares.

É preciso nos lembrar que os encontros de Freire com as lideranças africanas aconteceram durante o período da luta de libertação nacional. Neste contexto, tais lideranças buscavam ouvir sobre as pedagogias freireanas e à luz de sua educação libertadora, compartilhar com aquele educador os seus desafios revolucionários. Como podemos notar no trecho abaixo:

² Samora Moisés Machel é designado Presidente da República Popular de Moçambique em 1975, colocando como prioridade do seu governo a educação.



aqueles em Lusaka, tal qual o que tive em Dar es Salaam, com liderança da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), que me levou ao Campus de Formação dos quadros (...) me marcou fortemente. Afinal, eu era convidado a dialogar com militantes experimentados na luta, cujo tempo não podia gastar com devaneios ou com arrancadas intelectualistas. O que eles queriam era entregar-se comigo à reflexão crítica, teórica, sobre sua prática, sobre sua luta, enquanto um “fato cultural e um fator de cultura (FREIRE, 2018, p.2018).

A força desta importância de Freire na África, segundo Assane e Juliasse (2017), pode ser notada, inclusive em Moçambique, por onde tal educador não passou. As lideranças da Frente de libertação tinham claro interesses pelas ideias sobre o pensamento deste educador brasileiro. Assane e Juliasse diz que consciente ou não tais lideranças utilizaram dos ideais freireanos em suas políticas educativas. Como pode se notar

no célebre discurso de Samora Moisés Machel, com o título “Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder” surge em um contexto de crise de gestão escolar verificada em um centro educacional visitado por Samora Machel. As situações encontradas naquela instituição puderam ser analisadas com profundidade e de lá foram recolhidas as lições necessárias (ASSANE & JULIASSE 2017, p.214).

Portanto em Moçambique, a educação libertadora será fonte importante para o combate a uma pedagogia da escola colonial. Para ilustrar este combate, Oliveira (2010) traz o relato de Ivalia que narra a filosofia freireana na experiência de alfabetização de adultos realizada por um grupo de missionários em Nampula, ouçamos:

Foi em outubro de 1974 que as atividades de alfabetização promovidas pelo grupo, tiveram início. A inspiração vinha da atual província de Manica, onde, anteriormente, um grupo de missionários tinha realizado uma experiência de alfabetização de adultos, no bairro da Soalpo, com o envolvimento de operários da fábrica têxtil Textafrica, seguindo o método de Paulo Freire [...]. A mensagem veiculada pelo método de Paulo Freire era uma novidade que se identificava com a própria revolução da FRELIMO que acabava de derrubar o colonialismo. A formação, como alfabetizadores, centrava-se no estudo das ideias-força e no método expressos nas reflexões filosóficas de Paulo Freire e nas suas críticas à concepção bancária de educação [...] estas ideias-força se impunham como alternativa à educação colonial, a qual ainda permanecia. Promover uma ação educativa neste sentido era contribuir para a elevação da consciência da população face aos desafios que se impunham com a liberdade e com a independência que se avizinhava. Parecia muito claro que a alfabetização pela conscientização estava de acordo com as estratégias que a FRELIMO iria seguir, após tomar o poder. A crítica sobre a concepção bancária da educação merecia a maior atenção, porque punha em causa toda a pedagogia da escola colonial (IVALA, 2000 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 43-44).

Guiné-Bissau: onde as propostas de Freire foram mais aprofundadas

Para Faundez (2012), apesar dos diversos convites feito a Paulo Freire pelas autoridades africanas, como os governos progressistas da Tanzânia, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, tanto o seu pensamento quanto a sua prática “não tiveram – e nem poderiam ter – uma influência duradoura nesse Continente (FAUNDEZ, 2012, P.600). Para tal autor,



o contexto cultural africano constituiria então um obstáculo sério para a universalização de qualquer teoria ou prática, especialmente no campo da educação, inclusive a de Freire. Isto nos permite recordar um princípio evidente, mas constantemente esquecido ou rechaçado: *a universalidade de uma teoria só é possível se esta se readapta de uma maneira permanente a realidades históricas concretas, tomando em conta suas determinações específicas, especialmente os sistemas culturais*” (FAUNDEZ, 2012, p. 600, itálico do autor).

Segundo Faundez, os limites desta apropriação do pensamento de Paulo Freire na África podem ser notados no livro “Cartas à Guiné Bissau” (1978), no qual o discurso é interessante, mas ineficaz na realidade educacional concreta, como os próprios guineenses o manifestavam (2012, p.601). Tal autor nos lembra que para além da análise da pertinência e/ou da relevância do método de alfabetização de jovens e adultos de Paulo Freire na África, o maior desafio das ideias freireanas no contexto cultural africano se relaciona com a problemática linguística, mais especificamente, sobre qual língua utilizar no processo de alfabetização: a língua portuguesa ou a língua materna?

Esta problematização, segundo Faundez (2012), pode ser notada na divergência entre Paulo Freire e o líder guerrilheiro Amílcar Cabral. Enquanto Cabral defendia que o processo de alfabetização na Guiné-Bissau deveria se fazer em Português “talvez pensando no modelo da formação dos estados territoriais europeus, no qual uma língua – por razões políticas, econômicas, culturais, etc. – se impunha a nações emergentes como símbolo de unidade na construção da nação (FAUNDEZ, 2012, p.602). Na opinião de Paulo Freire,

Frente à dificuldade, de um lado, de ensinar a leitura-escrita em português a etnias que falavam línguas completamente diferentes e, de outro, ao impasse de ter que realizar a conscientização na língua “do opressor”, Paulo Freire tomou o partido de realizar um trabalho de alfabetização-conscientização em uma língua vernácula. (FAUNDEZ, 2012, p. 602).

Faundez (2012) destaca a singularidade do momento do encontro de Paulo Freire com a África, que se faz no contexto dos movimentos pela independência, pela decolonização africana, pela libertação de todo um continente usurpado e fragilizado pelas cruéis ações dos colonizadores europeus. Historicamente,

[...] podemos dizer que nos anos 60-70, o continente africano vive a luta pela primeira independência (essencialmente política), embora esta tenha elementos que caracterizam também a chamada segunda independência (notadamente econômica). Independência então ao mesmo tempo política e econômica, mas acrescentemos um elemento completamente novo: o elemento cultural, que diferencia ostensivamente o processo histórico da África e da América Latina. (FAUNDEZ, 2010, p. 97)

Segundo Mesquida, Peroza e Akkari (2014), a compreensão de Paulo Freire no que diz respeito à dominação colonial na África, teve uma influência direta dos trabalhos do escritor e ensaísta francês Albert Memmi (1967) e do médico e psiquiatra Frantz Fanon (1968). O primeiro ao analisar o processo de dominação colonial na Argélia, pontua que tal processo se efetivou sem que houvesse resistência ou tentativa de subversão por parte do colonizado,



o que ele denomina de *mistificação* ideológica da classe dirigente (...) verifica-se, certamente - em determinado ponto de sua evolução -, certa adesão do colonizado à colonização. Mas essa adesão é resultado da colonização e não sua causa: nasce depois e não antes da ocupação colonial. Para que o colonizador seja inteiramente senhor, não basta que o seja objetivamente, é preciso ainda que acredite na sua legitimidade; e para que essa legitimidade seja completa, não basta que o colonizado seja objetivamente escravo, é necessário que se aceite como tal. Em suma, o colonizador deve ser reconhecido pelo colonizado (MEMMI, 1967. p. 84 *apud* MESQUITA, PEROZA E AKKARI, 2014, p.99)

Outro autor que influenciará as reflexões de Paulo Freire sobre o mundo colonial é Frantz Fanon (1968). Na sua obra *Os condenados da Terra*, Fanon destaca que “a discussão do mundo colonial pelo colonizado não é um confronto racional de pontos de vista. Não é um discurso sobre o universal, mas a afirmação desenfreada de uma singularidade admitida como absoluta. O mundo colonial é um mundo maniqueísta” (FANON, 1968, p.30). Maniqueísmo que se faz presente no debate sobre a opressão que Paulo Freire apresenta no livro *Pedagogia do oprimido*.

Para Mesquida, Peroza Akkaru (2010) “as análises sobre a ambiguidade presente na condição existencial do colonizado feitas por Albert Memmi e Frantz Fanon, ao descreverem as razões íntimas que perpetuaram o jugo da colonização na África, influenciam decisivamente no sentido do conceito de “prescrição” utilizado por Paulo Freire” (MESQUIDA, PEROZA E AKKARI, 2014, p.99). Conceito também destacado refletido na pedagogia do oprimido, como nota-se no seguinte excerto:

o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles - as pautas dos opressores. Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão do outro “conteúdo” - o de sua autonomia. (FREIRE, 1987, p. 18 *apud* MESQUITA, PEROZA E AKKARI, 2014, p.100)

O combate a esse comportamento prescritivo é notado no processo de alfabetização que Paulo Freire e sua equipe realizou em Guiné-Bissau. Assim diz Freire

Na perspectiva libertadora, que é a da Guiné-Bissau, que é a nossa, a alfabetização de adultos, pelo contrário, é a continuidade do esforço formidável que seu povo começou a fazer, há muito irmanado com seus líderes, para a conquista de SUA PALAVRA. Daí que, numa tal perspectiva, a alfabetização não possa escapar do seio mesmo do povo, de sua atividade produtiva, de sua cultura, para esclerosar-se na frieza sem alma das escolas burocratizadas (FREIRE, 2011, p.140).

Um outro revolucionário que educou o olhar decolonizador de Paulo Freire foi Amílcar Cabral da Guiné-Bissau. Paulo Freire assim se refere a ele:



Tal qual Guevara, tal qual Fidel, Amílcar Cabral esteve constantemente em comunhão com seu povo, cujo passado conhecia tão bem e em cujo presente se encontrava tão radicalmente inserido – o presente da luta a que se deu sem restrições Cabral podia, assim, prever e antever. Por isso é que, em todo hoje que ele intensamente vivia, havia sempre um sonho possível, um viável histórico, começar a ser forjado no hoje mesmo. (FREIRE, 2011, p.31).

Diante das influências observadas, Mesquida, Peroza e Akkari concluem que é na África que Paulo Freire vai se deparar

com as condições históricas concretas em que uma sociedade estava se reinventando numa perspectiva socialista. No entanto, uma das principais questões que desafiaram Freire a reinventar-se com coerência como político-pedagogo foi a multiplicidade linguística da população, bem como sua característica predominantemente oral (2014, p.103).

E por fim, Mesquida, Peroza e Akkari (2014) destacam que é preciso demarcar as diferentes atuações dos projetos de alfabetização de Paulo Freire pela África. Seu trabalho na Guiné-Bissau, por exemplo, é diferente daquele realizado em São Tomé e Príncipe. Em termos de língua, na Guiné-Bissau, havia um número significativo de africanos que não falavam o português, lá havia mais de trinta línguas diferentes. Situação que não se observava em São Tomé e Príncipe. Vale ressaltar que “o processo de alfabetização desenvolvido por Freire e sua equipe na Guiné-Bissau se defrontou com o problema da língua a ser utilizada. Amílcar Cabral defendia a manutenção e a difusão do português como língua nacional. No entanto, o crioulo era falado por 45% da população” (MESQUIDA, PEROZA E AKKARI, 2014 p.105).

Em vários momentos em que Paulo Freire avaliou sua participação no processo de alfabetização da Guiné-Bissau, ele destacou que o uso da língua portuguesa na alfabetização dos guineenses foi fator de fracasso daquele projeto educacional. Ao ser desafiado por Antônio Faundez a refletir sobre esta situação da língua, ele diz

[...] no momento em que uma sociedade pede à língua do colonizador que assuma o papel de mediadora da formação do seu povo tem de estar advertida de que, ao fazê-lo, estará, querendo ou não, aprofundando a diferença entre as classes sociais em lugar de resolvê-la. (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 127 *apud* MESQUIDA, PEROZA e AKKARI, 2014, p.105)

Neste sentido, a língua do colonizador foi privilegiada em lugar do crioulo. Privilégio que retira do povo o direito de dizer sua palavra e “engolir” a palavra do colonizador. Porém, é preciso destacar que quando se trata do processo de ensino-aprendizagem de uma determinada língua, pensar as condições da história e da evolução desta língua é fundamental. Nesse sentido, para se educar em uma determinada língua é preciso considerar suas condições de desenvolvimento material tais como: dicionários, gramáticas, gêneros textuais, que no caso das línguas ágrafas e ou recente processo de escrita ainda não realidades. Além disso, o ensino da língua necessita de estudos sobre o funcionamento da língua em seus aspectos micro (gramática e léxico) e em seus aspectos macro



(discursividade-textualidade). Na maioria dos países africanos, as línguas autóctones não têm sido estudadas sob essas duas óticas (micro e macro), o que dificulta o trabalho de ensinar-aprender nessas línguas.

Diante dessa complexidade, não é fácil fazer uma opção correta. Na África, estamos em face de povos multilíngues e multiculturais, nos quais as línguas e culturas étnicas são sistematicamente excluídas dos processos educativos, salvo raríssimas exceções. A solução que se tem encontrado é o chamado “bilinguismo”. Nesse tipo de “bilinguismo o ensino da(s) língua(s) nativa(s) é/são utilizado (s) para dar os primeiros passos da alfabetização (domínio do código de escrita), em seguida o ensino é completamente realizado na língua oficial (que evidentemente é a língua do antigo colonizador)”. (LOPES, 2004, p. 421).

Apesar de todas as tentativas da colonização da educação na África, mesmo pós independência, há hoje, segundo Mesquida, Peroza e Akkari (2014), processos comunitários de escolarização que têm oferecido campos de possibilidades de implementação de uma educação libertadora inspiradas no encontro de Paulo Freire com a África. Ainda para tais autores, essas formas educativas comunitárias, tornam-se mais sensíveis ao contexto dos educandos, criando possibilidades de a escolarização ser compatível com as referências culturais e socioeconômicas locais. Daí que nasce as pressões pela

utilização da língua materna dos alunos, sem excluir o uso das línguas nacionais da época da colonização. Este é um sinal de que os oprimidos começam a colocar em dúvida a ideologia do opressor no nível da superioridade do francês, do inglês e do português, os quais se apresentam como "estandartes" no status de garantia no processo de modernização. No entanto, ao mesmo tempo, em toda a África, o poder econômico e simbólico ainda está conectado ao controle das línguas coloniais (MESQUIDA, PEROZA E AKKARI, 2014, p.109).

Mesmo diante de todos os desafios sobre os processos de alfabetização na África apresentado ao longo desse artigo, é preciso demarcar que Paulo Freire continua sendo uma referência importante para o processo de enfrentamento da forma escolar colonial que permaneceu na África pós-colonial e que afetou e/ou impediu parte de seu avanço como continente liberto. O pensamento de Freire não morreu na África, mas com certeza as abordagens freireanas atuais vão se adequando à nova situação vividas pelos países africanos.

Considerações finais

Paulo Freire é sem dúvida um educador de fronteiras, suas práticas e seu pensamento educacionais de cunho político, libertador e emancipador colaboraram e influenciaram as políticas e os processos educacionais elaborados nos países africanos pós coloniais, principalmente, a alfabetização de adultos. A partir das reflexões até aqui pontuadas, pode-se afirmar que há entre Paulo Freire e a África um trocas políticas e educativas. Em síntese, a África aprendeu com Paulo Freire, tanto quanto Paulo Freire aprendeu com a África.



Com certeza, a produção do pensamento educativo freireano nunca mais foi o mesmo desde a primeira vez que Paulo Freire pisou no chão da África. Como diz Oliveira e Santos (2017), por um lado, as lideranças e educadores africanos nutriram-se da presença e do pensamento de Paulo Freire na formação de suas identidades revolucionárias, nas suas lutas por emancipação, nas suas pedagogias decoloniais. Por outro lado, as “falas” e “ideais” freireanos são afetados e/ou marcados pelas experiências que ele viveu nas suas muitas passagens pelos países africanos. Portanto, o encontro de Paulo Freire com a África foi uma experiência de mergulho em sua própria brasilidade e africanidade. Ele fez a experiência de reconhecer-se na cultura e nas histórias dos povos e das nações africanas e aí se reencontrar com as histórias dos colonizadores e delas se desfazerem.

No dizer de Oliveira & Santos (2017, p.12), Paulo Freire foi um crítico lúcido das opressões dos colonizadores, das práticas de dominação, das invasões culturais e dos obstáculos por eles postos à participação democrática. Tais autores nos lembram que os opressores impuseram com muita força a cultura do silêncio, numa clara tentativa de desafricanização de suas mentes e de suas histórias.

Desta forma, no processo revolucionário haveria a tarefa de se “descolonizar as mentes”, ou no dizer de Amílcar Cabral, “reafricanizar as mentalidades”, trabalhando-se com a transformação do sistema educacional, tendo como ponto de partida as culturas nativas. No processo educacional, o educador teria de “deixar-se molhar completamente pelas ‘águas culturais’ das massas populares, para poder senti-las e compreendê-las” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 109). Esse “descolonizar as mentes” visa superar as estruturas sociais de poder eurocêntricas e colonialistas.

Via Paulo Freire, aprendemos com a África a resistência, a conscientização e a indignação, aprendemos a reafricanizar nossas mentes. Isto significa que houve também, por parte de Paulo Freire, aprendizagens com os processos de libertação na África. Ele influenciou e foi influenciado pelos revolucionários e representantes do governo, como: Julius Nyerere, Amílcar Cabral e Franz Fanon. Na África, Freire encontrou um cenário político que possibilitou radicalizar e emancipar a sua educação libertadora (*cf.* BRAÇO, 2012). Dessa forma, Freire não só influenciou, por meio de seu pensamento educacional, intelectuais e educadores dos países que viveu no exílio, como também aprendeu e incorporou em seu discurso pedagógico as experiências vividas.

Entender Paulo Freire como intelectual de fronteira significa dizer que seu pensamento vem se alterando em função do tempo e do contexto histórico que se encontra inserido, seja no exílio, seja na África, América Latina, América do Norte ou Europa. A



atualidade do seu pensamento não se restringe a fronteiras sociais, culturais e políticas. Daí a grandeza de seu legado.

Referências

- ASSANE, A. I.; JULIASSE, A. C. N. **Movimento-Revista de Educação**. Niterói, ano 4, n.7, p.209-227, jul./dez. 2017.
- BRAÇO, A. D. O pensamento de Paulo Freire e os processos libertários na África. In: VIEIRA, A.; BATALLOSO, J. M.; MORAES, M. C. (Org.). **A esperança da pedagogia: Paulo Freire – consciência e compromisso**. Brasília: LIBERLIVRO, 2012.
- CABRAL, Amílcar. **PAIGC: unidade e luta**. Lisboa: Nova Aurora, 1974.
- DAVIDSON, Basil. **A liberdade da Guiné: aspectos de uma revolução africana**. Lisboa: Sá Corrêa, 1978.
- FAUNDEZ, Antonio. **Oralidade e escrita**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989.
- FAUNDEZ, Antonio. **Paulo Freire e sua influência na América Latina e na África**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 12, n. 36, p. 593-611, maio/ago. 2012.
- FAUNDEZ, Antonio. **Paulo Freire e sua influência na América Latina e África**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL FÓRUM PAULO FREIRE, 7., Praia, set. 2010. Disponível em: http://www.ipf.org.cv/forum2010/index.php?option=com_content&view=article&id=73:comunicacao-de-conferencistas&catid=36:anuncios&Itemid=81 (Acesso em 30/03/2019).
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz & Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **A pedagogy for liberation: dialogues on transforming education**. Granby: Bergin & Garvey, 1987.
- FREIRE, Paulo et al. **Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história I**. São Paulo, Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização. Leitura do mundo, leitura da palavra**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.



FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido (17ª reimpressão)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNCHS, E. (1993). **Alfabetização: Desenvolvimento de potencialidades ou reforço da Marginalidade? Alfabetização em Moçambique e em Cabo Verde na sua relação com formas de comunicação e necessidades da formação nas zonas rurais**. In: Manual Alfabetização de Adultos em Moçambique-1975 -2006. Maputo, 2007. p. 44-52.

GADOTTI, M. **Paulo Freire 90 anos: lembranças pessoais e comentários**. Revista E- - curriculum, São Paulo, v. 7, n. 3, dez. 2011.

IVALA, A. Z. Experiências de alfabetização de adultos em Moçambique: a proposta freireana. In: SAUL, A. M. (Org.). **Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares**. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural**. São Paulo: Educa, 2004.

MEMMI, Albert. **O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2004.

MESQUIDA, Peri; PEROZA, Juliano e AKKARI, Abdeljalil. **A contribuição de Paulo Freire à educação na África: uma proposta de descolonização da escola**. In: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302014000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt (Acesso em 20/11/2020)

OLIVEIRA, I. A. de; SANTOS, T. R. L. **dos Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 1-19, jan./abr. 2017. Disponível em: GUSTSACK, F. Diferença. In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA E.C.; PIRES, M.F.; VENTORIM, S. **Paulo Freire: a práxis político-pedagógica do educador**. Vitória: Edufes, 2000.

OLIVEIRA E.C. **A contribuição da educação popular de Paulo Freire para a educação intercultural no Brasil**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2010. (*mimeo*)

SEFATSA, Zamalotshwa. **Paulo Freire e a luta popular na África do Sul**. Revista Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social, Dossiê no 34, 09/11/2020. In: <https://www.thetricontinental.org/dossier-34-paulo-freire-and-south-africa/> (Acesso em 20/11/2020).

Recebido em: 30/04/2021

Aceito em: 29/09/2021